

O Brasil em Jornal

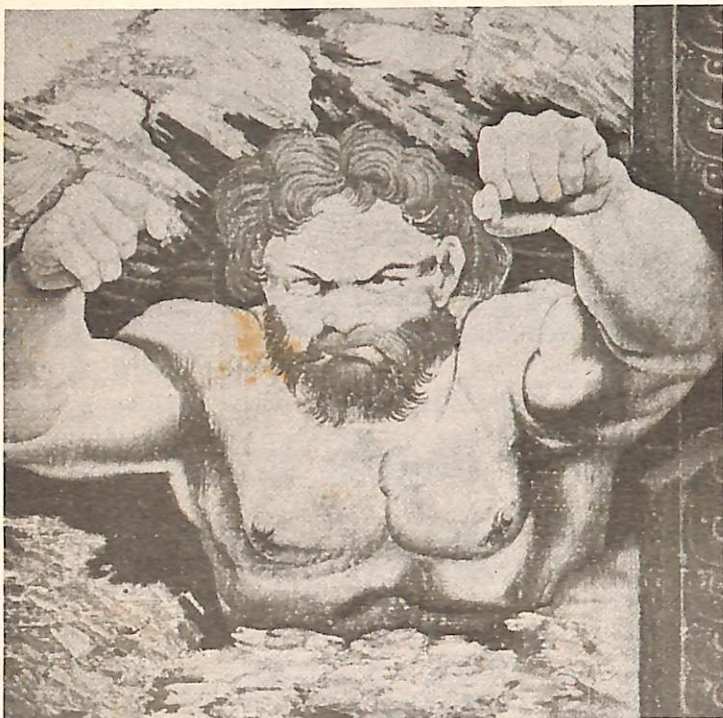
1568/9
N.º 25

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

Preço único
Cr\$ 15,00

4.91
12.2613

ASSASSINADO BISPO DE MOSCOU



Na oportunidade da catástrofe que abalou Évora, reproduzimos para os nossos leitores detalhe de um trabalho do grande pintor Rafael, justamente aquele que ele denominou: «Personificação do terremoto sacudindo a Terra.»

TERREMOTO E PESTE EM PORTUGAL

Évora, 1568 (Urgente)

A terra tremeu violentamente nesta cidade, desmoronando pequenas casas e causando pânico entre a população, que saiu para as ruas rezando e gritando.

O número de vítimas é desconhecido ainda, mas sabe-se que não é pequeno. A bela igreja de Santo Antão teve sua

abóboda derrubada pela violência do sismo.

Suas colunas da fachada ficaram de pé e, diante do templo consagrado há apenas cinco anos, a multidão veio fazer preces para que o tremor de terras cessasse.

As condições de higiene na cidade são precárias e as autoridades receiam que sobrevenha uma violenta epidemia.

A PESTE EM LISBOA

Lisboa, 1569 (Urgente)

Toda a cidade se desloca apressadamente para o campo, fugindo da peste que de repente se abateu sobre ela. Milhares de pessoas morrem à mingua de assistência e entre as grandes vítimas a lamentar figura o poeta, autor dramático e professor universitário António Ferreira.

Seu entêro foi feito quase sem acompanhante, pois a maior preocupação dos lisboetas é fugir à peste. Ferreira deixa uma enorme quantidade de obras inéditas, entre elas uma comédia («Cioso»).

A morte do poeta, que normalmente enlutaria a corte, passou quase despercebida, pois o rei D. Sebastião, a rainha Catarina e os demais nobres estão também fugindo da calamidade.

Ao que soubemos, a cada vila que chega D. Sebastião, seus serviços são postos em campo para saber se nela se revelou algum caso de peste. Os médicos receiam pela saúde do monarca, de frágil constituição. Assim, D. Sebastião não tem ficado muito tempo em cada cidade, pois a epidemia misteriosa está se espalhando com terrível velocidade por todo o país.

Aqui em Lisboa, as mortes são tantas que os cadáveres são sepultados em cova rasa ou esquecidos em seus leitos de morte.

MOEDA FALSA NO BRASIL

Salvador, dezembro, 1569 (Urgente)

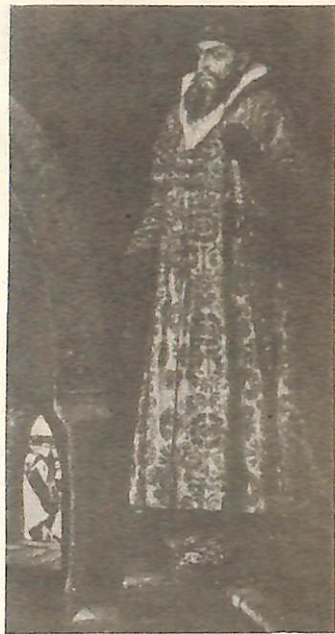
A invasão de moedas falsas de cobre começa a gerar descontentamento em todo o país em consequência das medidas defensivas determinadas pelo governo: redução no valor de tais moedas para desencorajar os falsários.

A mudança tem ocasionado sérios atritos. Uma pessoa qualquer desconhecendo a lei de novo valor, ao fazer compras é que verifica que seu dinheiro não vale o que marca.

Recorda-se que em 1551 o valor de tais moedas fôra elevado. Em 1556 e 1560, esse valor foi modificado, mas a mudança foi de pequena monta.

Este é Ivan IV, «O Terrível», czar de todas as Rússias que, para silenciar a voz da Igreja, acaba de mandar assassinar o metropolitano de Moscou. Num dos últimos encontros que teve com Ivan, Filipe, o chefe da cristandade naquela metrópole, disse-lhe na igreja de Assunção: — «Aqui, diante do altar, nós sacrificamos para a salvação do homem. Lá fora, nas ruas, derrama-se sangue e os inocentes morrem. Na Rússia não há mais misericórdia.»

O terrível drama do chefe cristão de Moscou vai relatado na página 2, em detalhado despacho de nosso correspondente naquela cidade.



UMA VISÃO DO PRÓPRIO INFERNO

«Seminus, alguns leprosos ou sofrendo de outras terríveis moléstias, sedentos, famintos e em meio a um mau cheiro insuportável, constituem, nos porões dos navios uma visão do próprio inferno.» Esta declaração é parte de uma entrevista concedida em Salamanca, Espanha, ao repórter de O BRASIL EM JORNAL, por frei Tomás de Mer-

cado, resumindo um livro que acaba de lançar sobre o tráfico de negros da África para a América.

O flagrante que ilustra esta notícia foi colhido num desses «negreiros» — dos melhores, aliás — e comprova o que vai divulgado na página 2 desta edição, em entrevista detalhada de frei Mercado.



TERRAS PARA ARARIBÓIA

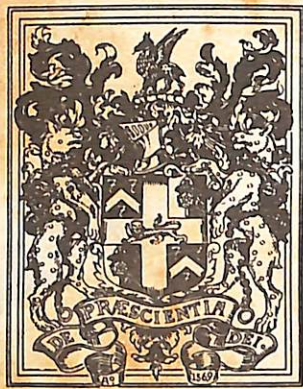
Rio, 16, março, 1568 (Correspondente)

Três mil braças de terra pelo lado do mar e seis mil ao longo do sertão (aproximadamente 17 milhões de metros quadrados), este o régio presente de António Mariz e sua mulher Isabel Velha ao chefe índio que tanto se destacou na luta contra os franceses, Martim Afonso Araribóia.

A terra hoje doada oficialmente a Araribóia fica diante do Rio de Janeiro, às margens da baía de Guanabara.

O chefe índio, logo que lhe seja possível, passará com sua gente para a terra que lhe foi doada.

CIRURGIÃO BARBEIRO JÁ TEM ESCUDO



Um dragão sobre o elmo dourado acima de um escudo, tudo isso sustentado por dois leões agrilhoados, significa, na Inglaterra, a partir deste ano de 1569, que quem usa tal emblema é cirurgião e barbeiro. Assim, leitor, se algum dia estiver na Inglaterra e necessitar de socorros médicos, mesmo uma simples sangria, exija que quem o socorrer mostre seu emblema, para se certificar de que não se trata de algum charlatão.

Degrêdo para mulheres pecadoras

Évora, setembro, 1568 (Correspondente)

Esta cidade, que tem uma casa-asilo para as mulheres de vida irregular, talvez seja a primeira do país a aplicar a nova legislação para as convertidas.

Assim, as que deixarem a instituição para voltarem ao modo de vida anterior serão, doravante, degredadas a bem da moral.

A nova lei, recém-assinada pelo rei D. Sebastião, foi ditada a pedido da população de Évora, às voltas com maus exemplos das ex-internas.

GUERRA NAVAL NO MEDITERRÂNEO

Em nosso «Editorial» deste número divulgamos sensacionais informações das melhores fontes, segundo as quais estaria iminente uma guerra naval entre cristãos e maometanos. Nesse editorial o leitor encontrará um espelho exato do que está sucedendo no Mediterrâneo e das mais comedidas previsões em torno de um choque de grandes proporções entre a Cruz e o Crescente.

ASSASSINADO CHEFE DA IGREJA RUSSA!

Moscou, 23, dezembro, 1568 (Urgente)

Filipe, metropolita desta cidade, não criticará mais os desatinos do senhor de tôdas as Rússias, o tzar Ivan, o Terrível: mãos assassinas o asfixlaram com uma almofada, hoje, no convento de Tver, onde êle estava prêso por ordem de Ivã.

Filipe, cujo nome era Teodoro Kolytchov, foi feito metropolita pelo próprio Ivã, há dois anos. Seu assassino foi um esbirro do tzar, Mallouta Skouratov.

LIÇÃO DO TZAR

Em fins do ano passado, ao regressar da Livônia sem obter os sucessos esperados, Ivã e seus «opritchniki» viraram seu ódio contra príncipes e nobres russos. Moscú afogou-se em sangue. O metropolita procurou Ivã e lavrou seu protesto contra tal estado de coisas.

— Poderoso Tzar, vós sois revestido de alta dignidade, de uma dignidade quase divina. Mas o cetro terrestre não é senão um reflexo do cetro celeste: êle vos obriga a ensinar aos homens apenas a verdade. Sede fiel à lei divina e governai em paz. Ouvistes dizer, por acaso, que algum piedoso tzar tenha feito o que fizestes?

Ivã exasperou-se com a lição do metropolita:

— Não te metas com meus negócios, disse-lhe. Não tens senão que me abençoar e aprovar meus atos.

— Eu sou o pastor da Igreja de Cristo e tenho, como vós, a obrigação de velar pela paz no meu rebanho. Não posso calar-me: meu silêncio significaria a aprovação de vossos pecados. Se me curvar diante de tôdas as vontades humanas, como responderei a Cristo na hora do Juízo? — retrucou o metropolita.

Ivã, ameaçador, cortou a entrevista:

— Não te oponhas a meu po-

der, se não queres atrair minha cólera.

CORAGEM DA FÉ

Pessoas que assistiram à entrevista entre Ivã e Filipe passaram a temer pela segurança do metropolita.

— Ivã, diziam-lhe, não é homem de admitir que lhe dêem lições.

Apesar de forcarem o sacerdote a uma reconciliação, nada conseguiram. Em 22 de março último, a crise atingiu ao cume.

Ivã e seu séquito de «opritchniki» apareceram inesperadamente na Igreja da Assunção, onde o metropolita dizia missa. Ivã, vestido com uma roupa negra, de monge, e seus acompanhantes encapuçados. Por três vezes o rei se aproximou de Filipe à espera da bênção. No meio do silêncio geral, o metropolita lançou seu desafio:

— Senhor, ninguém reconhece mais em vós o tzar. A beleza de vosso rosto está envolta em sombras. Nunca se viu um rei ofuscar de tal modo a majestade do poder. Os cristãos sofrem. Aqui, diante do altar, nós sacrificamos para a salvação do homem. Lá fora, nas ruas, derrama-se sangue e os inocentes morrem. Na Rússia não há mais misericórdia.

Ivã bateu no chão com seu bastão:

— Queres levantar-te contra mim, Filipe? Até agora tenho tido clemência para contigo e com teus seguidores. Mas te mostrarei quem sou.

MARTÍRIO

Em julho, Ivã e Filipe se encontraram pela última vez, quando se verificou de novo troca de palavras ásperas entre ambos. O rei decidiu processar Filipe. Fêz reunir um concílio e, à custa de ameaças, obteve depoimentos contrários ao sacerdote.

Em 8 de novembro último, Filipe dizia missa enquanto o concílio o destituía e o condenava a reclusão num convento.

Imediatamente, um auxiliar da guarda de Ivã, Alexis Bassmanov foi prendê-lo em meio à missa. Em virtude do clamor popular, Ivã teve de mudar, até hoje, constantemente o local da prisão de Filipe. Hoje, Mallouta Skouratov veio ver o ex-metropolita, da parte do tzar. As autoridades do convento de Tver deixaram-no entrar. Um padre o acompanhou até a cela de Filipe e o ouviu falar:

— A hora de meu sacrifício se aproxima. Meu amigo, cumpre o ato para o qual me veio ver. Depois, a cela ficou em silêncio e Mallouta saiu de lá aos gritos, com todo o cínismo:

— Mataram Filipe, mataram-no. O ex-metropolita jazia morto, asfixiado por uma almofada.

COMEDIA

Moscou, 1569

Para dar cunho de veracidade à versão de Mallouta (assassino do ex-metropolita mas que se diz inocente), o tzar Ivã resolveu promover a reabilitação de Filipe.

Como primeiras medidas, mandou punir os que prestaram falso testemunho no processo que culminou com a destituição do metropolita e sua prisão.



ÔLHO POR ÔLHO...

Espanhol degola franceses Francês enforca espanhóis

São Mateus, Flórida, 1568 (Urgente)

«Não como espanhóis, mas como assassinos, ladrões e perjuros», esta a inscrição que o capitão protestante francês Dominique de Gourgues deixou ao lado dos corpos de trinta espanhóis enforcados em árvores próximas a este forte.

O ato de Dominique foi reprisado ao do capitão espanhol Pedro de Menendez, há três anos. Naquela época, os franceses aqui se encontravam no forte a que deram o nome de Carolina. Seu comandante era Jean Ribaut. Em 28 de agosto de 1565, Menendez, com sua esquadra, aproximou-se do forte e exigiu a rendição dos franceses. Para aguardar a resposta dos inimigos, o espanhol abrigou-se no fortim de Santo Agostinho, 30 léguas mais adiante.

Nessa mesma noite, Ribaut, em vez de esperar o ataque espanhol, lançou-se à ofensiva, deixando em São Mateus pouco mais de 150 pessoas, entre homens e mulheres. O temporal, contudo, destroçou a esquadra francesa. Menendez antecipou o ataque a Carolina. Um grupo de soldados (26) fugiu com Laudonnière, mas 122 pessoas (homens e mulheres) foram de-

golados pelos soldados de Menendez e em seguida pendurados em árvores — as mesmas onde agora estão os espanhóis — com uma tabuleta: «Mortos não como franceses, mas como hereges».

Depois, atacou os naufragos da expedição de Ribaut e aprisionou 140 sobreviventes. Como dez deles abjuraram suas crenças protestantes, os outros 130 foram decapitados na praia, sumariamente.

Numa ilha próxima, havia outros duzentos naufragos, entre eles o próprio Ribaut. Menendez exigiu que se rendessem incondicionalmente e prometeu poupá-los a vida. Os franceses se entregaram e pouco depois o capitão espanhol fê-los degolar.

Agora, depois de sua vingança, o capitão Gourgues tentou atacar o forte de Santo Agostinho, mas, com poucos recursos, decidiu voltar à França.

MEN DE SÁ DEIXOU RIO COM VEREADORES

Rio de Janeiro, junho, 1568 (Correspondente)

Deixando em ordem a cidade, com as primeiras edificações a descer do alto do morro para onde a mudou, partiu para o Espírito Santo, a fim de reprimir um levante de índios, o governador do Brasil, sr. Men de Sá.

Na chefia do governo fica seu sobrinho Salvador de Sá, nomeado para o cargo em 4 de março último.

CONSELHO ORGANIZADO

Além das obras adiantadas na cidade (fortins, cerca, igreja para jesuítas e casa para a Câmara), o governador deixa a administração quase totalmente constituída.

Assim, desde janeiro já está funcionando o Conselho da cidade, constituído por Aires Fernandes, Francisco Dias Pinto, Cristóvão Monteiro e Dlogo de Braga. O primeiro, juiz ordinário; os outros, vereadores. Como procurador do Conselho foi nomeado o sr. Gomes Enes. A Câmara, enquanto aguarda a conclusão de sua sede sobradada, se reúne na casa do juiz ordinário.

Por outro lado, Men de Sá nomeou como medidor oficial de terras concedidas de sesmaria o sr. Baltazar Lourenço. Vencimentos: 62 réis por dia de medição. A escolha do substituto de Men de Sá foi feita em reunião a que compareceram as pessoas notáveis ora no Rio.

OUTROS ATOS

Entre outras indicações feitas por Men de Sá figuram: a 9 de

março, Cristóvão Monteiro foi escolhido ouvidor da cidade e de toda a capitania pelo prazo de três anos; Manuel Freire substituiu-o no cargo de vereador do Conselho. A 7 de abril, João da Silveira foi nomeado meirinho e Mestre Vasco, porteiro e pregoeiro dos auditórios. Finalmente, em maio, dia 24, Clemente Peres Ferrelra foi provido como escrivão vitalício da Câmara e, no dia seguinte, Manuel Gomes foi indicado para substituir Baltazar Fernandes, que morrera, como tabelião do público e do judicial.

TERRAS PARA BOMBARDEIRO

Gaspar Figueiredo, bombardeiro, encaminhou e obteve de Men de Sá a inscrição de dois pedaços de terra», em fevereiro último.

O interessante é que em sua petição, Gaspar se refere à «banda d'além da cidade velha». Isto é, adiante do Morro Cara de Cão.

O escrivão que conferiu a inscrição do pedido salientou-nos que esta é a primeira petição a distinguir o Rio em cidade velha (morro Cara de Cão) e cidade nova.

“Uma visão do próprio inferno...”

Entrevista exclusiva de frei Tomás de Mercado a O BRASIL EM JORNAL

Salamanca, dezembro, 1569 (Especial para O BRASIL EM JORNAL)

“Quatrocentos ou quinhentos escravos seminus, alguns deles leprosos, todos sedentos e famintos em meio ao fedor insuportável”, esta a visão do próprio inferno que frei Tomás de Mercado viu nos porões de navios que fazem a linha África-América e agora descreve, alarmado, em seu livro “Tratos e contratos de mercadores”, recém-lançado nesta cidade.

Falando a «O BRASIL EM JORNAL» frei Tomás faz questão de frisar que seu depoimento é imparcialíssimo, pois considera lícito o negócio e de acordo com o direito das gentes a compra e venda de escravos.

— Mas, mesmo lícito, gera abusos inaceitáveis. Por meio da compra, muita gente estimula novos pretextos para fazer escravos. As carregações e transporte de cativos são anticristãos e crudelíssimos.

NUDISMO E FOME

O sacerdote diz-nos que teve oportunidade de assistir ao

catanga ambiente é tanta que muitos deles morrem durante a viagem.»

PORCOS EM CHIQUEIROS

— Curioso, disse-nos ainda frei Tomás, é que nos espantamos com o tratamento que os turcos dão aos cristãos, e ninguém se comove com o que fazem aos negros. Nesse caso, a gravidade ainda é maior porque se trata de comerciantes que se dizem cristãos.

Para frei Tomás, a legislação protecionista aos índios americanos tem contribuído para incrementar o tráfico de escravos.

— Em resumo, é uma selvajaria. Os escravos são tratados como porcos em chiqueiros. Muitos deles chegam ao destino mortos e podres. Para não dizerem que exagero, cito o caso de dois mercadores de Nova Espanha que carregaram no Cabo Verde 500 africanos e chegaram ao fim da linha, no México, com apenas 200 sobreviventes. E houvera sido justo castigo de Deus que morressem juntamente com eles aquêles homens bestiais que os levavam.

MORREU LOUCO FILHO DE FILIPE

Madri, 25, julho, 1568

Morreu hoje o príncipe D. Carlos, filho de Filipe II e de sua primeira mulher, D. Maria Manuela, de Portugal. Carlos, que contava exatamente 23 anos e 17 dias, vinha sendo prês de gravíssimas crises nervosas nos últimos tempos e estava detido por seu pai há seis meses, desde o dia 18 de janeiro dêste ano.

Nada, absolutamente nada, foi ventilado pelas fontes oficiais, acêrca da «causa mortis». E, embora, por causa disso, muita gente já comece a sussurrar que seu próprio pai o tivesse mandado matar, é difícil acreditar que Filipe chegasse a tal ponto. O mais provável é que a morte se tenha dado no agravamento de mais uma das crises nervosas de que Carlos tem sido acometido.

HERDEIRO DA COROA

Parece certo que o rei se arrendeu de, em 1560, depois de longa indecisão, ter proclamado a Carlos como «príncipe de Astúrias pelas côrtes de Toledo», e como tal, herdeiro da coroa de Espanha.

Seu estado de alienação mental atingiu a um tal ponto, que seria fácil a seu pai deserdá-lo, sem precisar recorrer a quaisquer processos violentos.

VIDA ROMANESCA

A vida de Carlos, desde pequeno enfermo, pálido e fraco, é pontilhada de lances românticos. Já não dando muitas mostras de perfeita sanidade mental, foi enviado a estudar na Universidade de Alcalá, em 1561, com seu tio, D. Juan de Austria e seu primo Alexandre Farnésio. Lá entre-



gou-se a atitudes de amoroso aventureiro e de absoluta insensatez, liberdade e desordens, em tôdas as coisas.

Numa dessas aventuras, caiu rolando de uma escada, permanecendo vários dias entre a vida e a morte, com lesões na espinha dorsal e no cérebro. Foi salvo milagrosamente por uma intervenção-cirúrgica do grande Versálio, que lhe operou a cabeça.

PIORANDO PROGRESSIVAMENTE

Daí para a frente, seu cérebro, que já era débil, passou a piorar. Sua pressa em casar-se com a prima, a princesa Ana de Austria, veio tornar cada vez mais tensas suas relações com Filipe, que vinha protelando o casamento há tempos. Em fins de 1567, encolerizado por êsse retardamento, resolveu fugir da Espanha e dirigir-se aos Países-Baixos. Esperava, para o sucesso dessa fuga, ganhar as graças de seu tio e confidente, D. Juan de Austria, e casar-se.

Mas foi com base nessa fuga que Filipe, reunindo uma comissão de teólogos e juristas, decidiu-se a chegar ao extremo de prendê-lo.

PRISAO E MORTE

Com essa prisão, e por causa dela mesmo, é que o estado de Carlos piorou consideravelmente. Suas atitudes de desespero o levaram a cometer disparates que afetavam diretamente sua saúde: bebia água de uma fonte de neve, esfriava a cama em que dormia, ficava três dias sem comer, e sempre prostrado por uma profunda melancolia.

O rei visitou-o e confortou-o, nesse período.

Conta-se que por uma dessas visitas de Filipe, à meia-noite e com todo o Conselho de Estado no quarto de Carlos, o príncipe interpelou-o:

— Que quer por aqui a esta hora o Conselho de Estado?

Tendo descerrado a cortina de seu leito, o rei retirou-lhe a espada, e o príncipe continuou:

— Não sou louco, mas um desesperado. Quer Vossa Majestade matar-me?

Filipe, como sempre, respondeu-lhe com palavras brandas, e retirou-se.

A prisão apressou sua morte. Sempre taciturno, foi atacado nos últimos dias por uma gravíssima terçã maligna. Um padre esteve à sua cabeceira até os últimos momentos. Morreu cristãmente, fêz testamento e recebeu a bênção de seu pai.

PIRATA ATACOU FROTA QUE IA PARA ESPANHA

São João de Ulhoa, 20, setembro, 1568

Contrariando pela terceira vez a proibição de Filipe II, que não quer saber de navios ingleses em portos da América, John Hawkins, pirata semi-oficializado pelo governo de Elizabeth, atacou hoje, perto do pôrto de Vera Cruz, uma frota do vice-rei do México que se dirigia para a Espanha. Hawkins perdeu no combate parte de sua frota, mas fêz ir pelos ares o navio capitânia inimigo.

O embaixador de Filipe II protestou enérgicamente junto a Elizabeth, considerando o ato como de pirataria. A rainha, parodiando palavras de Francisco I ao exigir do embaixador português o «testamento de Adão», disse-lhe que o uso do mar e do ar deve ser comum a todos e acrescentou:

«Não reconheço nos espanhóis nenhum título particular de posseção e de exploração dos mares, que derive de doação do bispo de Roma, o qual também não reconheço».

Sucessor de Miguel Ângelo constrói mais uma igreja

Roma, 1568

O homem que sucedeu a Miguel Ângelo como arquiteto oficial da igreja de São Pedro, e que é naturalmente considerado o primeiro arquiteto de toda a região itálica, iniciou este ano a construção de mais uma igreja, dentre as muitas que já construiu nesta cidade: a igreja de Jesus.

É êle Giacomo Barozio, mais conhecido como Vignole (apelido que se refere à sua cidade natal, Vignola, ducado de Módena), tem 61 anos, e desde que aqui se radicou vem-se dedicando quase que inteiramente à arquitetura sacra.

Vignole, é antes de tudo, um grande estudioso e depois de dedicar-se, na mocidade, ao estudo atento da pintura, fixou-se definitivamente na arquitetura, influenciado pela leitura das obras de Vitruvius. Entre uma coisa e outra, foi desenhista, na casa de Jacques Meleghini, em Ferrara.

Como arquiteto, já trabalhou no Vaticano, ao tempo de Paulo III, muito jovem ainda, mas desde aquela época tido como um dos maiores teóricos da arquitetura romana. De 1541 a 1543 viveu na França, trabalhando com o fundidor

**PADRE
FISCAL
NO RIO**

Rio de Janeiro, 15, agosto, 1569 (Correspondente)

Quem viver contra os costumes terá de haver-se com o vigário Mateus Nunes, ouvidor eclesiástico e vigário do Rio, nomeado por D. Pedro Leitão.

Nunes pode repreender e sentenciar sem apelação até 10 cruzados.

Nos crimes contra a fé, as sentenças de Mateus irão ao bispo.

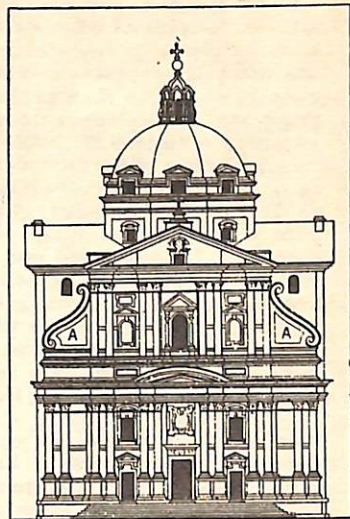
AMEAÇA DE ROMPIMENTO

Madri, dezembro, 1569 — As relações diplomáticas entre Inglaterra e Espanha estão seriamente abaladas. O principal motivo disso são as manobras marítimas dos piratas inspirados por Elizabeth.

Agora, para agravar a situação, Filipe II proibiu ao embaixador inglês de realizar o culto protestante dentro de sua própria embaixada. Este, em vista disso, partiu para Londres e relatou tudo à sua rainha. Sabe-se que Elizabeth está disposta a não enviar nenhum representante da Inglaterra para Madri.

Francisque Ribon para executar, em metal, figuras moldadas na Itália e que serviram, em bronze, para a decoração dos jardins de Fontainebleau.

Seus estudos teóricos já frutificaram na obra «Tratado das cinco ordens de arquitetura», publicada há cinco anos e que começa, segundo notícias que nos chegam, a exercer influência no exterior, sobretudo na França.



PROJETO

Com exclusividade, divulgamos hoje o projeto da construção da igreja de Jesus

Portugal tem rei de 14 anos

Lisboa, janeiro, 1568 (Correspondente)

Negando-se a ver os ossos do rei Pedro I — que pôs as razões de Estado sob as de seus sentimentos — e extasiando-se diante dos restos dos reis Afonso II, Afonso III e João II («Príncipe perfeito»), assumiu o comando do país e de seu vasto império colonial o jovem rei de 14 anos, Sebastião de Portugal.

Fogos de artifício, danças nas ruas e missas em quase tôdas as igrejas desta cidade festejaram, durante três dias, a sua posse no trono.

No dia 20, conforme solene promessa feita pelo cardeal regente, D. Henrique, Sebastião, ter completava 14 anos, foi declarado rei de Portugal, Brasil, domínios africanos e asiáticos.

A solenidade teve lugar no Paço dos Estaus, ao lado da igreja de São Domingos, onde residem o rei e sua avó, D. Catarina. O cardeal entregou-lhe os Selos de Estado e disse que passava o governo num momento de tranqüillidade geral.

No dia seguinte, D. Sebastião foi ouvir missa na igreja da Sé e agradecer a Deus por ter chegado à idade de 14 anos. Adiantou o monarca que, na primeira reunião do Conselho de Estado, pretende ter a seu lado a avó e o tio-avó, como leais conselheiros.



D. SEBASTIAO

Nos bastidores do paço dizia-se que D. Henrique, apesar do juramento, não pretendia entregar o poder ao rei D. Sebastião e que a rainha Catarina foi que o forçou a dar por finda sua regência.

Por outro lado, soubemos do embaixador espanhol que o rei continuava sofrendo de «estranhos fluxos».

ÍNDIOS NÃO ACEITAM MAIS SER ESCRAVOS

Salvador, 1568 (Urgente)

Índios semicivilizados de Japacé, Paranamirim e outras fazendas se amotinaram inesperadamente, incendiaram engenhos, mataram alguns portugueses e puseram a saque as propriedades onde trabalhavam.

Muitos de tais índios sublevados alegaram que estavam escravizados irregularmente, o que, agora, a própria lei proíbe.

Ao que se informa, alguns desses selvagens declaram estar agindo sob a inspiração de um santo que os aconselha. Como, dizem, a escravidão é irremediável nas proximidades dos grandes centros, a solução é fugirem para o sertão, onde os brancos não os irão buscar.

Os sublevados foram juntar-se a índios ainda domesticados do rio Real. Ignora-se que providências tomará o governo para repellar o motim. Um senhor de engenho, ora nesta cidade, declarou-nos que tais ocorrências se devem à lei que concede direitos exagerados aos índios e jesuítas em detrimento dos outros possuidores de escravos.

«Nós, concluiu êle, estamos tolhidos agora em nossos movimentos. Qualquer represália poderá significar severas sanções do governo. O jeito é incrementar a importação de escravos africanos.»



EDITORIAL

A Cruz contra o Crescente

As notícias que vão chegando do Levante são as mais intranquillizadoras dos últimos tempos, pois há tudo a temer duma potência como o Império Otomano, caído nas mãos irresponsáveis dum monarca corrupto e luxurioso como Selim II, manejado, segundo se sabe, por um grupo de banqueiros e negociantes, a cuja frente se encontra o famoso D. José Nasi, duque de Naxos.

Acaba o sultão de ordenar às suas tropas que ocupem a ilha de Chipre, o mais belo florão das possessões de Veneza no mar Egeu. É uma posição importantíssima para o domínio das rotas comerciais naquelas paragens e corre à boca-pequena que o duque de Naxos pretende fundar ali um reino israelita. As pequenas guarnições venezianas não puderam resistir à investida das forças de mar e de desembarque do Grão-Turco. O Governador do Doge, porém, não se deixou abater e declarou guerra à Sublime Porta. Tudo isto se está a refletir em grandes prejuízos no comércio da Europa com o Oriente.

Nas fontes oficiais e diplomáticas europeias, a opinião geral é a de que as principais potências da cristandade não podem deixar a Sereníssima República enfrentar sôzinha as armadas otomanas. Ela é uma espécie de sentinela ou guarda avançada cristã no Mediterrâneo, cujo domínio total cairá nas mãos dos muçulmanos no momento em que Veneza desaparecer. Parece que Sua Santidade o Papa já prometeu à Rainha do Adriático o apoio dos Estados da Igreja. O da Espanha é mais do que provável por uma questão de salvação própria, desde que ultimamente os Sultões de Constantinopla tornaram seus satélites as regências de Túnis e de Argel, e procuram exercer influência no Império Cherifiano de Marrocos. Da França, que ainda recentemente recebeu graves injúrias dos turcos, não se espera nenhuma atitude firme, visto como a sua política antiespanhola a leva sempre a se aproximar dos inimigos da Espanha. O mais que fará será conservar-se neutra.

Para arcar com as responsabilidades de uma guerra naval ao lado de Veneza contra a Turquia, a Espanha enfrentará pesadas responsabilidades. Desde 1556, suas fôrças de terra e de marinha estão sendo lentamente desgastadas e consumidas contra os rebeldes «Farrapos» de Guilherme de Orange. Acaba também de sofrer a ameaça duma comoção intestina provocada pela conjura dos mouros, remanescentes da antiga população do vencido Reino de Granada, que permaneceram no seu seio. Conforme o parecer de alguns entendidos, as intrigas e o ouro do Sultão não têm sido estranhos à conspiração interna e à revolta dos Países Baixos.

É natural que os dirigentes da política otomana entendam diante disso que chegou a ocasião de abater Veneza, desafiar o Papado e derrotar a Espanha, conseguindo, assim, o completo domínio do Mediterrâneo, etapa do domínio do mundo. Leva a essa crença o saber-se que em Constantinopla, como noutras cidades marítimas do Império, se verifica uma grande atividade nos arsenais, fundições e estaleiros. As grandes galeras estão sendo artilhadas com canhões de grosso calibre. O Sultão ordenou que fossem decapitadas as centenas de estátuas de mármore que outrora coroavam as cimalthas do Circo junto ao palácio imperial, as quais, desde o tempo da conquista da cidade por Maomé II, foram apeadas e amontoadas, a fim de servirem as mesmas cabeças para pelouros dessas grandes peças. Este ato vandálico está bem de acôrdo com a mentalidade dum povo regido pelo Corão, que, no receio da idolatria, proíbe a reprodução de qualquer ser vivo.

Transpiram novas de que o govêrno veneziano arma uma poderosa frota: em Ostia e sobretudo em Ancona, trabalha-se dia e noite nos estaleiros papalinos. Não é menor a faina nos de Barcelona, Valência, Málaga e Alicante. Estamos, por conseguinte às portas duma guerra que se poderá considerar santa pela grandiosidade dos seus objetivos. Desde que o Islão surgiu e desencadeou suas terríveis invasões, a ameaça turca foi talvez a maior contra a civilização cristã. Detida em terra à vista dos muros de Viena, renasce sôbre as ondas do mar. Chipre não passa dum pretexto para o desenvolvimento da nova fase da luta secular entre a Cruz e o Crescente. Dizem os maometanos que Deus é um só e Maomé é o seu profeta. Acreditam os cristãos que Cristo é Deus e que, estando com êles, ninguém os vencerá. Esta é a fé que conduzirá as armas da nova coligação católica — Veneza, a Espanha e a Igreja — contra a Turquia. Esperemos, portanto, tranqüillamente, a vitória. Ela está nas mãos de Deus. A Ele ergamos as nossas preces, a fim de que a conceda aos que se batem pela Religião.

JORNAL ECONÔMICO

Grandes protestos tem provocado o sistema de impostos chamado «Alcabala», instituído pelo duque de Alba nos Países-Baixos, e considerado uma verdadeira ruína.

Segundo o novo sistema, cada habitante deve pagar, ao vender sua terra ou sua casa, 5% de seu valor, e ao vender sua mercadoria, 10%.

Os especialistas prevêem o êxodo dos comerciantes e indus-

triais e o conseqüente desemprego e fome.

Trecho de uma carta do duque de Alba a Filipe II: «Atualmente detenho os criminosos riquíssimos e terríveis e os submeto a multas em dinheiro; em seguida me ocuparei das cidades criminosas. Dêste modo, às arcas de V. M. afluirão somas consideráveis.

A MODA COMO ELÁ É

Londres, junho, 1568

Um casaco justo, com botões de cima a baixo, bordado a ouro e lentejoulas, o calção também justo, atado no joelho por duas fitas, a goliha pregueada e rosas nos sapatos, além do chapêuzinho mole com pena de avestruz, eis o máximo de elegância para homens na atual estação.

Sôbre o conjunto, mal escondendo a espada, uma larga capa de cetim. Com tais trajas e um colar trançado sôbre o peito, qualquer súdito de sua majestade Elizabeth da Inglaterra está em condições de brilhar nas rodas mais exigentes. A combinação de côres dos tecidos naturalmente depende do bom gosto de cada um. O cavalheiro que nos serviu de modelo pôs vermelho na capa e casaco, rosa nos calções sa-



patos e fitinha, e preto no chapéu. Gôsto não se discute.

ENSINO

Dentre as inovações introduzidas por Inacio de Lolola no sistema de ensino dos colégios jesuítas, destacamos:

- autores menos numerosos e melhores na utilização de livros para as crianças;
- necessidade dos deveres escritos, composições em prosa e verso;
- importância da emulação para ajudar o aluno a melhorar seus esforços na competição com os colegas; os que não se mostram à altura devem ser postos fora da sala;
- redução dos horários, criação de recreios com jogos sadios e suspensão das aulas às quintas-feiras para descanso semanal.

O duque de Alba, que lançou o regime do terror nos Países Baixos, proibiu a leitura da Bíblia e dos livros de Erasmo e de outros humanistas. Os únicos textos permitidos são o do Breviário e os vários volumes das «Décretais», onde o Papa proclama que fora da Igreja Católica, não há salvação.

O colégio dos jesuítas de Salvador tem, agora, nova e moderníssima sala de aula para os cursos de casos e latimidade. Próximo ao colégio, construiu-se um pequeno pátio para o recreio dos estudantes. Obras do governador Men de Sá, recém-chegado do Rio.

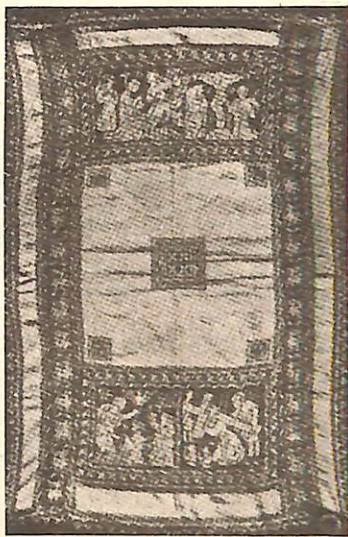
A congregação provincial da Bahia solicitou às autoridades licença para inaugurar no colégio local o curso de Dialética e Teologia, logo que haja número suficiente de alunos.

DECORAÇÃO

O bordado, ao que sabemos, é quase tão velho quanto as civilizações. Pelo menos a Bíblia já se refere a êle, correntemente. Que os egípcios já o conheciam, é ponto pacífico: foram encontrados fragmentos de bordados nas roupagens de suas múmias. Os gregos antigos atribuíam ao bordado uma origem frígia, remotíssima.

O fato é que seu uso cresce consideravelmente nos períodos de luxo, ostentação e riqueza das civilizações. Agora, por exemplo, o comércio do bordado tomou grande impulso, já havendo até mesmo uma indústria de bordados, em Veneza, instalada recentemente, e que vem obtendo grande sucesso, pelo que nos informaram.

Esta é, portanto, a ocasião exata de apresentarmos aos nossos leitores um maravilhoso bordado italiano, adquirido



neste ano por uma igreja de França. Trata-se de uma toalha de altar, cuidadosamente trabalhada, com motivos da caminhada de Cristo, no Calvário.

COLUNA MILITAR

MESTRES-DE-ARMAS

Constituindo hoje em dia o conhecimento da esgrima a melhor defesa de qualquer pessoa de qualidade, a profissão de mestre-de-armas é uma das mais nobres e rendosas. A arte de esgrimar se pauta por uma notável disciplina e rigorosas regras de lealdade. Seus mestres se agrupam em corporações fechadas, tendo como patrono o arcanjo S. Miguel, que, com sua espada de fogo, venceu o demônio.

Fora dessas corporações, floresce a arte bastarda e perigosa dos golpes secretos e traiçoeiros que fazem a fortuna dos chamados mestres de espada preta. E nas suas escolas que os sicários e rufiões aprendem os artifícios duma esgrima falsa e desleal, a esgrima dos assassinos. Justamente as corporações fechadas dos verdadeiros mestres-de-armas têm, entre outras, a finalidade de excluir de vez êsses esgrimistas sem honra.

"Carmelitas descalços"

Duruelo (Espanha), 28, novembro, 1568

Juan de la Cruz, o carmelita que celebrou sua primeira missa no ano passado, como noticiamos, fundou aqui uma nova ramificação na ordem do Carmelo: os Carmelitas Descalços. Há cerca de um ano êle conheceu Teresa de Jesus, que se vem distinguindo por um grande trabalho de remodelação em sua ordem (carmelita também), tentando aproximá-la das regras primitivas; as idéias de ambos aproximam-se muito e Frei Juan conseguiu, assim, um novo impulso em suas determinações.

Tudo o que prega Juan, espírito de grande humildade, é a maior vivência espiritual junto de Deus, através de um caminho místico.

MÚSICA

CONJUNTOS

Nas festas em Munique, por ocasião do casamento de Guilherme da Baviera com Renata de Lorena, o maestro Orlando de Lassus valeu-se dos seguintes instrumentos para a execução dos seguintes números: moteto de 5 vozes (5 cornetas e 2 trombones), madrigal para vozes masculinas (autoria de Striggio) — 6 grandes trombones, um dêles baixo; moteto de Cipriano de Rose, em 6 violas; uma batalha de Paduano — trombones e cornetas agudas e um intermezzo, em que o solo foi acompanhado por alaúde e côro de 5 violas.

Da orquestra participavam outros instrumentistas, além dos acima citados.

BERGAMASCA

Uma bela música para dança é a bergamasca, de autoria de Azzaiolo. A bergamasca é uma peça originária de Bérgame na Itália.

Os apreciadores do gênero podem encontrá-la no terceiro livro dos «Villote», de Azzaiolo, recém-aparecido.

BRASIL EM JORNAL

R. México, 119, 12º and. grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807

SEDE PRÓPRIA End. Teleg. REFORMA - Rio

Direção AMARAL NETTO

Assessoria GUSTAVO BARROSO

JAYME COELHO

Redação CLAUDIO SOARES

RUBEM DE AZEVEDO LIMA

ZUENIR CARLOS VENTURA

MARCOS DE CASTRO

Paginação WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração ADAIL

Revisão GABRIEL CHAVES DE MELO

Assessor da Diretoria LUIZ PIETSCH JUNIOR

São Paulo AGENCIA POLANO

Rua João Brícola, 32

ASSINATURAS (ANUAIS)

24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 300,00

24 Nos. AEREA... Cr\$ 350,00

Guerra religiosa ensanguenta a França

CADÁVER DE UM PRÍNCIPE PÔSTO A PASSEAR DIANTE DAS TROPAS
MONTADO NUM ASNO

Longjumeau, 24, março, 1568
(Do correspondente)

Foi assinado ontem um tratado para pôr fim — pelo menos temporariamente — à segunda guerra de religião na França. O acôrdo pretende restabelecer a paz de Amboise e, como esta, deverá durar pouco.

O que torna este tratado mais precário do que os anteriores, é a gravidade da situação a oeste e ao sul do reino e a determinação de Catarina de renunciar aos esforços de reconciliação que até então desenvolveu. Depois de um atentado contra o rei, ela se revoltou e está profundamente inquieta.

Hoje mesmo ela demitiu o chanceler Michel de l'Hospital, sob a acusação de cumplicidade. L'Hospital, sem aparente amargura, retirou-se da Córte e pretende seguir para suas terras de Vignay.

RECOMEÇOU

Paris, setembro, 1568

Como previmos no último despacho, a paz de Longjumeau foi apenas uma tomada de fôlego para novas lutas. Os



BATALHA DE JARNAC

Com a de Montcontour reuniu o maior número de combatentes regulares nestas sangrentas guerras religiosas francesas.

Ambas, pode afirmar o repórter de O BRASIL EM JORNAL, foram vencidas pelo marechal de Tavannes, chefe católico.

Mas Catarina fizera comandante nominal seu delicado filho Henrique de Anjou que ficou com as glórias.

HENRIQUE COMANDA

Paris, setembro, 1568

Resolvida a agir às pressas, Catarina de Médicis confiou o comando das armas reais a seu filho Henrique, duque de Anjou. Para ela isto tem muita significação: trata-se de dar a seu filho querido a oportunidade de se distinguir.

A regente confessou que quer agora tratar os protestantes como o duque de Alba tem tratado os dos Países-Baixos. Pensa até em instituir um «Tribunal de Sangue». As violências redobram. Sentindo-se sem segurança em Orleans, Condé e Coligny transferiram para o oeste o centro de suas atividades, fazendo de La Rochelle o seu quartel-general, com o apoio de Saintonge, Aunis e Poitou.

Em cada cidade por que passam, as tropas protestantes roubam e matam, alegando vingança dos assassínios cometidos pelos católicos.

No dia 18 deste mês, Joana de Albret e seu filho Henrique se encontraram com as tropas protestantes. Carlos IX, quando soube disso, imediatamente ordenou a confiscação dos bens da rainha de Navarra.

Sem demora, eles se esforçam para alargar o cerco em torno de La Rochelle, que oferece a vantagem de poder facilmente receber, por mar, socorros da Inglaterra. Mas eles procurarão também unir-se com as forças de que dispõem em Languedoc, enquanto esperam a chegada de uma nova armada de auxílio recrutada na Alemanha, sob as ordens de Wolfgang de Baviere, duque de Deux-Points.

DERROTA DE JARNAC

Jarnac, 13, março, 1569

Durante todo o inverno os protestantes se fortificaram para a batalha inevitável, enquanto a armada real era reforçada por contingentes espanhóis, suíços e alemães comandados por Ludwig Pfyffer.

O primeiro e brutal encontro deu-se aqui em Jarnac. Os protestantes perderam a batalha e seu chefe Condé foi morto. O jovem duque de Anjou, não satisfeito com a vitória, fez amarrar o corpo de Condé sobre um asno e obrigou-o a desfilhar diante das tropas. Coligny assumiu o comando das tropas protestantes.

PROTESTANTES PERDEM

Montcontour, 3, outubro, 1569

Depois que receberam o reforço dos alemães, os protestantes se equilibraram e resolveram sitiar Poitiers. Os sitiados, num golpe

POLÔNIA ANEXO LITUÂNIA SEM TIROS

Lublin, Polônia, 1º, julho, 1569
(Do Correspondente)

Desde hoje, Polônia e Lituânia são um país só, sob o governo do rei polonês Sigismundo Augusto, um moço de 21 anos.

A decisão foi tomada em reunião de deputados lituanos e poloneses, nesta cidade, e gerou reações desencontradas. Ao se anunciar o resultado final da votação, os deputados lituanos choraram e imprecaaram contra a fatalidade que lhes tirava a nacionalidade. Os poloneses riam e abraçavam-se no recinto da Câmara.

Entre as conseqüências da União hoje decretada figuram:

1 — Polônia e Lituânia formam um corpo único e indivisível;

2 — Os dois países terão uma Câmara comum que elegerá, em comum, um rei em Cracóvia;

3 — Para os dois países, o sistema monetário é idêntico, e

4 — Volquânia, Kiev e Polésia passam a pertencer à Polônia.

Por outro lado, a União acertou ainda que a Lituânia terá autonomia administrativa e financeira e continuará com seu exército próprio.

Deposto o rei louco da Suécia

Estocolmo, Suécia, 1569 (Correspondente)

«O rei está louco, é necessário depô-lo» — com este grito de revolta, nobres, povo e até um irmão do rei se levantaram na Suécia contra os desatinos de Érico XIV.

O país estava em pé de guerra contra a Dinamarca e Érico, descontente com os resultados de alguns encontros, começara a dar sinais de insanidade. Sua maior preocupação, em meio ao tumulto geral no país, eram as consultas aos astros.

Há pouco, num acesso de loucura, fizera assassinar na prisão para onde o mandara, Nils Sture, descendente de uma família de grande tradição na Suécia. Em seguida, coroou rainha sua favorita Karin Mansdotter.

Seu irmão João chefiou a revolta e exigiu sua abdicação. Érico, no momento, se encontra prêsso e o país está sendo governado por João III.



NAO ! . . .

Érico, aos pés de sua favorita, Karin Mansdotter, quando se negava a assinar sua abdicação.

Morreu Brueghel



Bruxelas, 1569

Com cerca de 40 anos de idade e 20 de pintura, Pierre Brueghel, o grande pintor flamengo, morreu este ano, nesta cidade. Brueghel foi a própria expressão da inquietude deste século, intrinsecamente tratada na procura constante da conciliação entre as tendências de seu espírito gótico e da moda atual, que vem da Itália. Passou pela França, Itália e, nos Países-Baixos, por Antuérpia, para depois radicar-se definitivamente em Bruxelas. Pintava, numa variedade bem característica de seu espírito, quadros da vida campesina, assuntos fantásticos e cenas religiosas. Seu colorido é raro, vigoroso e pessoal, em um desenho chelo de expressão.

Nossa coluna de arte sempre deu o maior destaque a Pierre Brueghel, com o que ganhou beleza e movimento. E tanto lidamos com seus quadros, que certa vez chegamos até a trocar seu nome, num momento de confusão. Os leitores reclamaram, é claro, por se tratar de pintor tão conhecido. Mas o nome que nosso redator lhe dera, por acaso, é, agora, o nome de seu filho mais velho, Pierre, que desaparece tão moço, deixa dois filhos pequenos: Jan, de 1 ano, e Pierre Brueghel, filho, de apenas meses.

Numa última homenagem ao pintor, publicamos hoje um de seus quadros mais expressivos: «Um Laboratório de Alquimia»

Araribóia, de caça passou a caçador...



Rio de Janeiro, dezembro, 1569 (Urgente)

Franceses e tamoios voltaram a esta cidade, queriam Araribóia vivo ou morto e chegaram a desembarcar no subúrbio do Rio, mas a decisão e o espírito cívico do homem a quem eles procuravam os puseram em fuga, com pesadas perdas.

Araribóia tinha recebido em marco do ano passado um grande lote de terra no outro lado da baía. Mas, ainda na expectativa de mudar-se, estava com os seus num alagadiço pela banda norte da cidade. A súbita invasão francesa e as condições que estes impuseram para levantar o cerco à cidade não chegaram a preocupar o chefe índio.

Ao receber pessoalmente o ultimato para render-se e sabendo que, em caso contrário, os franceses atacariam no dia seguinte, Araribóia decidiu antecipar-se a eles. Com seus índios, calu sobre os invasores, aos gritos de guerra. Os franceses se assustaram e puseram-se em fuga. Seus navios estavam presos nas terras alagadas e, na maior confusão da retirada, suportaram o fogo e as flechas dos temimínos de Araribóia. Só no dia seguinte — o marcado para seu ataque — puderam, graças à maré alta, sair dos baixios. No campo de batalha, ficaram muitos franceses mortos.

ATAQUE A CABO FRIO

O novo governador do Rio, capitão Salvador de Sá, para acabar de vez com a incômoda vizinhança francesa, decidiu atacá-los em sua nova base, em Cabo Frio.

Com Araribóia, um estrangeiro radicado no sul do país, Helder Euban, surpreendeu um navio francês diante do cabo. Salvador, com sua armadura, tentou em pessoa a abordagem do navio inimigo. Por três vezes, contudo, calu ao mar e foi salvo, em todas as tentativas, pela presença de espírito de Araribóia, que o pescou quando afundava ao péso da roupa de guerra.

Depois de alguma resistência, os invasores foram completamente batidos e Salvador resolveu trazer para o Rio os canhões de seu navio para colocá-los nos fortes da cidade.

Araribóia, em virtude dos seus atos de bravura, foi armado cavaleiro no próprio campo de batalha.

Morreu o homem que fazia rir

Córdova, 1568

Por sua condição de grande autor e ator cômico, Lope de Rueda — um dos mais agudos e realistas cômicos deste século — foi enterrado em 1565 na catedral desta cidade, o que raramente acontece com um leigo, principalmente artista.

Rueda começou sua vida como funileiro, mas, levado pela vocação, inscreveu-se em uma das companhias cômicas de então. De ator passou logo a autor, alterando peças conhecidas ou compondo novas. Assim, ganhou renome e percorreu, entre outras, as cidades de Segóvia, Valadoli, Sevilha, Toledo, Madri.

Os 10 «passos», sem contar os intercalados nas comédias, são o verdadeiro título de glória do escritor sevillano. De elemento essencialmente popular, os «passos» são amenas pinturas do mais exato realismo, em que tipos vulgares (lacaíes, criados, valentões, ciganos, mouros) vivem com rara força cômica.

Deixou Rueda cinco comédias, três colóquios, um diálogo em verso «Sobre la invención de las calzas», e o «Auto de Naval y Abigail», baseado na Bíblia. Suas comédias são:

«Armelina», «Eufemia», «Los engañados», «Medora», «Discordia y cuestión de amor».

Devido a uma série de fatores este despacho segue com bastante atraso.



EM SOCIEDADE

Casamento, casamento, casamento, casamento, casamento e... casamento

O imperador da Áustria, Maximiliano II, quer casar suas duas filhas (Ana e Isabel) respectivamente na França e em Portugal. Para isso chegou a mandar seu irmão, o arquiduque Carlos, à Espanha. O que atrapalhou foi a morte, em outubro deste ano de 68, de Isabel de Valois. Mas, em consequência da viuvez de Filipe II, surgiu uma proposta concreta de Catarina de Médicis para que o imperador espanhol torne a casar-se. A noiva seria a princesa Margarida de Valois.

Podemos informar que Margô, a mais desejada princesa do momento, vai acabar mesmo nos braços de um herege: Henrique, o «Bearnez».

A Espanha fervilha de boatos neste fevereiro de 69. O imperador Filipe II não aceitou a proposta de Catarina de Médicis. Diz-se que Filipe não quer se casar com Margô, irmã de sua falecida mulher e optou por Ana, filha de Maximiliano, já que não tem herdeiro masculino.

mão da filha de Catarina de Médicis com Henrique II é o jovem Henrique de Navarra, que acaba de completar 16 anos.

O casamento, se se realizar, terá mais de político que de outra qualquer coisa. Henrique é o mais graduado príncipe huguenote, enquanto Margarida é filha da rainha intransigentemente católica.

Conseguirá o enlace, pelo menos, diminuir a intensidade da luta religiosa francesa?...

Chi lo sà?...

Não será surpresa para este colunista, se Carlos IX de França vier a casar com Elizabeth, da Áustria, em breve. Alguns príncipes alemães estão encarregados de pedir a mão para o rei.

Já que falamos em casamento, eis outros projetos matrimoniais de Catarina: Henrique d'Anjou, seu filho mais moço-Elizabeth da Inglaterra; Margarida (Margot)-Henrique de Navarra.

Quando o conselho português discutia a remessa dos poderes e condições para o casamento de D. Sebastião com a princesa Margarida, de França (casamento arranjado por Filipe II), o próprio rei mandou entregar aos conselheiros um bilhete em que dizia que não aceitava sacrifício do reino para sua felicidade. Não queria o casamento, pois. Isto se deu na reunião de domingo, 18 de setembro de 69. Ao mesmo tempo, enviou carta a Filipe, desfazendo o compromisso que este assumira.

Soubemos de uma carta (para não dizer que exageramos, aqui vai inclusive sua data: 24 de outubro de 1569) em que o rei português D. Sebastião prega uma piedosa mentira a Sua Santidade, o Papa Pio V. Nela, o monarca, que está interessado em obter auxílio de Roma para uma cruzada contra os mouros, diz que seu casamento com Margarida de Valois está quase acertado. Mentira, pois D. Sebastião, que o não deseja, rompeu, por causa disso, relações com Filipe II.

O ataque de Montluc (francês) à ilha da Madeira interrompeu as negociações para o casamento do rei D. Sebastião de Portugal com a princesa Margarida de Valois. Informa-se também que o almirante Coligny defendeu em conselho, na França, a expedição de Montluc às terras portuguesas.

Nossa coluna hoje se preocupa muito com os casamentos reais e principescos. Sobre este de Sebastião e Margô a opinião do colunista é de que ele não se realizará.

Além do motivo citado, é preciso dizer que Filipe II é absolutamente contra.

E quando Filipe é contra nem o rei de Portugal consegue se casar...

Falhando os entendimentos para o casamento Margarida de Valois com D. Sebastião, o mais sério pretendente à

do que o diabo; e com referência ao duque de Alba, a espuma lhes vem à boca, quando eles ouvem pronunciar o seu nome».

O diplomata veneziano Corroero traçou com cores sombrias o quadro do que êle considera a França de hoje. Ei-lo: «Eu só saberia comparar o estado deste reino ao de uma perna, de um braço ou de qualquer membro atacado de gangrena. Quando o médico, cicatrizando uma chaga, pensa que tudo acabou, vê que outra chaga se abre ao lado. Assim é a França».

Como anunciamos em furo internacional na última edição, publicamos hoje trechos de cartas que Maria Stuart escreveu a Bothwell quando ainda vivo seu marido. A ameaça de leitura destes documentos no Parlamento fez Maria abdicar. Eis por exemplo, um trecho da carta escrita em Glasgow, à cabeceira do marido doente:

«Para vos agradar eu não poupo nem minha honra, nem minha consciência e nem mesmo minha grandeza, qualquer que ela seja. Por minha própria vingança eu não faria. Vós me constrangeis de tal maneira a dissimular que tenho horror. Que vós vos lembreis que, se a afeição de vos agradar não me forçasse, eu preferiria morrer a cometer essas coisas. O coração me ordena».

E mais: «Ah! jamais enganei alguém; mas me submeto, em todas as coisas, à vossa vontade. Dizei o que devo fazer e o que poderá acontecer e eu vos obedecerei. E pensai em vós mesmo; se puderdes encontrar um meio mais seguro...»

Como recompensa a êsse sacrifício, Maria pede humildemente a Bothwell o seu amor: «Não deis ouvido a ela (mulher de Bothwell) cujas fingidas lágrimas não devem pesar mais do que os tormentos que sofro a fim de poder merecer ocupar o seu lugar, para obtenção do qual traí, contra o meu natural, os que me poderiam impedir isso. Que Deus me perdoe».

Depois de contar a Bothwell sua resistência às súplicas do marido, a ex-rainha continua: «Jamais o ouvi falar tão bem e docemente, e se eu não tivesse aprendido pela experiência que êle tem o coração mole como cêra e o meu é duro como diamante, o qual nada comove nem pode penetrar — a não ser vossa mão — é possível que eu tivesse piedade dêle».

E suplica ao amante de «não ter em relação a ela uma sinistra opinião, porque vós haveis querido assim».



É conhecida na Córte a disputa entre Carlos IX e seu irmão Henrique pela preferência de sua mamãe Catarina. A regente não esconde sua simpatia por Henrique e quando lhe entregou a chefia das tropas católicas, Carlos, em tom choroso, disse para a mãe: «apesar de jovem, eu me sinto bastante forte para carregar minha espada». Catarina sorriu para não dizer que não acreditava.

O secretário do duque de Alba endereçou uma carta a Madri e é dela o seguinte trecho: «O povo deste país despreza nossa nação mais

Gabriel Soares de Sousa, um homem muito curioso, chegou a Salvador recentemente. Seu objetivo era Monotapa, mas Gabriel gostou dos costumes da terra e parece que vai ficar nela. Inclusive pretende estabelecer-se com um engenho de açúcar.

GOVERNADOR DO BRASIL FAZ TESTAMENTO

Salvador, 6, setembro, 1569 (Correspondente)

O governador-geral do Brasil, sr. Men de Sá, está enfêrmo e quer voltar para Portugal, mas, como acha isso difícil, resolveu, hoje, concluir seu testamento, iniciado há 10 dias.

O governador teria feito pedido às autoridades portuguesas, mas até agora não obteve resposta.

«Se morrer no Brasil, diz êle no documento que ora publicamos em primeira mão, quero ser sepultado no mosteiro de Jesus, da cidade do Salvador, sob uma pedra de seis palmos de largura e 8 de comprimento, com uma inscrição que diga que sob ela eu estou sepultado. Mas meu filho Francisco, ou quem herdar meus bens, que leve depois meus ossos para Lisboa e os ajunte aos de minha mulher.»

ÚLTIMA VONTADE

Para o governador, seus herdeiros devem, imediatamente

após sua morte, tratar de telhar e madeirar a igreja do mosteiro de Jesus, que êle mandou construir nesta cidade e que está por acabar.

Em seguida, Men de Sá enumera os filhos que teve: João Ruiz de Sá (morto em Ceuta), Fernão de Sá (morto em ação do Espírito Santo) e Beatriz de Sá, morta aos 12 anos. Os que ainda vivem são: Francisco e Felipa. O primeiro é herdeiro de todos seus bens no Brasil.

Entre os bens de que se declara possuidor estão: dois engenhos de açúcar no Brasil, com escravos índios e da

Guiné (um dos engenhos fica em Ilhéus), três léguas e meia de terras de testada e quatro para o sertão em Sergipe, com duas ilhas no litoral.

SÓ PARA HOMENS

Em seguida, dispozo de seus bens, estabelece Men de

Sá que Francisco é seu herdeiro em qualquer circunstância.

«Se ao tempo de minha morte êle também estiver morto, herdarão seus filhos. Em caso de os dois (Francisco e Felipa) não terem deixado herdeiros legítimos, sucederão os filhos ilegítimos de Francisco, desde

que sua mãe tenha sido mulher branca e não escrava.»

Noutro item de seu testamento, esclarece o governador que, não havendo herdeiro algum, seus bens serão divididos da seguinte forma: os do Brasil — um terço para a Misericórdia da Bahia, outro terço para a igreja dos jesuítas de Salvador e o restante para os pobres e órfãos da cidade. Um terço de seus bens em Portugal ficará para a Misericórdia de Lisboa.

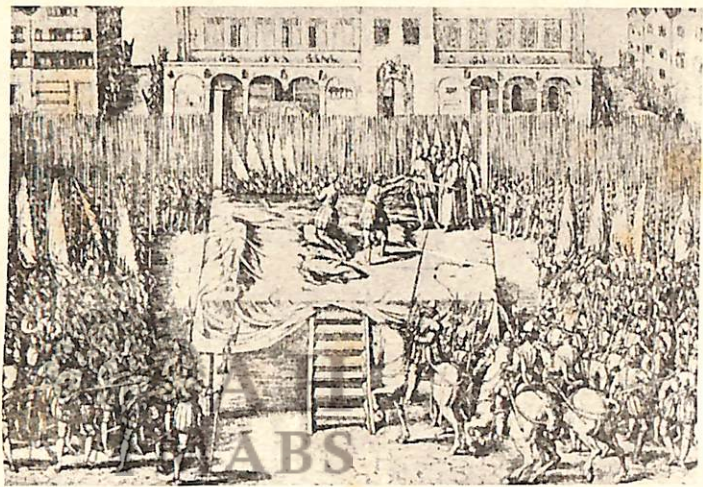
Aos herdeiros, Men de Sá impõe a condição de que sempre cuidem de seu engenho de Sergipe, mantendo-o com duzentos e cinquenta empregados.

Os bens móveis de Men de Sá serão divididos irremovivelmente entre Francisco e Felipa. Quanto ao gado que nasceu após sua morte, diz ainda o governador que êle será todo do feitor Vicente Monteiro. Mais adiante, Men de Sá alude a doações que fez e estabelece que seus herdeiros devem pagar tôdas as dívidas que possui, inclusive o empréstimo de duas vacas que lhe fez um criador do Espírito Santo. Concluindo, diz ainda que deixa 20 mil réis para ajudar o casamento de uma sua escrava de nome Guiomar, além de enumerar outras doações a seus fiéis servidores.



HORN E EGMONT

Pela traição Alba prendeu-os. Eles perderam a cabeça para que seus homens tenham coragem de conquistar a liberdade



Com os sinos das igrejas repicando lugubrememente e a praça cercada por 19 companhias de soldados espanhóis, Bruxelas assistiu hoje à execução dos condes de Egmont e de Horn, as primeiras vítimas do «Tribunal de Sangue».

Egmont, que pediu para morrer primeiro, subiu o cadafalco lendo o Salmo LXI. Estava vestido com um costume vermelho, as costas cobertas por um manto negro bordado de ouro. Sobre a cabeça um chapéu guarnecido com penas brancas e negras. Em uma das mãos levava um lenço e na outra o livro de rezas. Quis morrer com a espada na mão, o que lhe foi negado.

Coberto o cadáver de Egmont, Horn chegou ao patíbulo. Perguntou se era o corpo do amigo que estava sob o lenço, ajoelhou-se e recebeu o golpe fatal. A gravura foi feita momentos antes da execução de Horn.

de Orange, outro condenado, conseguiu fugir, mas suas propriedades foram confiscadas. A execução desses dois nobres exasperou os «mendigos», que juraram só fazer a barba e o cabelo quando puderem vingar-lhes a morte. Vários desses tipos «barbudos» são vistos pela cidade...

ALBA MAIS FORTE

Guilherme de Orange, seu irmão Luís de Nassau, Hoogstraten e Van den Berg, todos banidos

dos Países-Baixos, conseguiram recrutar uma armada na Alemanha e tentaram invadir o país, mas foram rechazados pelas tropas espanholas. Luís de Nassau foi batido em Groningue e Orange teve que recuar até Limbourg. Com isso, o duque se sentiu mais forte, organizou logo os bispos e se aplicou a enfraquecer as instituições nacionais. Não convocou mais o Conselho de Estado e encheu os outros conselhos de espanhóis.

REPERCUSSÃO

Notícias procedentes da França e da Inglaterra informam que há um grande interesse pela situação dos Países-Baixos. As simpatias por Orange e seus amigos se manifestam abertamente, mas são neutralizadas pelo medo que a força espanhola inspira aos governantes.

Elizabeth, por exemplo, já confessou que tem muitos adversários internos, para arriscar complicações no exterior. Quaisquer que sejam os interesses de seus súditos nos Países-Baixos, especialmente em Antuérpia — mercado privilegiado — ela jamais osará encorajar os revoltosos. No entanto, a pirataria inglesa tem contribuído para agravar as dificuldades financeiras dos espanhóis, e isso enfraqueceu as relações entre os dois países.

Na França há também uma grande tendência pró-revoltosos, a qual aumentou este ano, depois que Guilherme de Orange entrou no país. Sabe-se, com segurança, que Carlos IX é mesmo favorável a uma intervenção armada nos Países-Baixos, mas Catarina de Médicis tem pavor das tropas espanholas. Uma das últimas coisas que faria — garantem pessoas ligadas à corte francesa — é lutar contra o duque de Alba.

TERROR NOS PAÍSES-BAIXOS

Os Países-Baixos, os mais ricos domínios do rei de Espanha, estão divididos em duas grandes regiões: a do norte, Holanda, e a do sul, denominada Flandres. A região do norte, dividida em sete províncias, vive principalmente da indústria pesqueira e do comércio marítimo, cujos centros são os portos de Amsterdam e Rotterdam.

O sul está dividido em dez províncias e conta com cidades industriais e comerciais como Bruxelas, sede do governador espanhol, e Antuérpia, grande empório de lã da Espanha e Inglaterra; de trigo dos países bálticos; de especiarias do Extremo Oriente e de metais preciosos do Novo Mundo.

Enquanto viveu, Carlos V conseguiu, apesar das medidas rigorosas para impedir o protestantismo, a fidelidade dos Países-Baixos. Isto por uma razão muito simples: o imperador se orgulhava de sua origem flamenga.

Filipe II, ao contrário, além de ser estranho aos Países-Baixos, hostiliza-os agora, entregando o governo a funcionários espanhóis, substituindo as tropas nativas por exércitos peninsulares e instituindo a Inquisição e os implacáveis «plaeards».

Bruxelas, dezembro, 1569

Tôdas as províncias dos Países-Baixos estão vivendo, desde que o duque de Alba aqui chegou, uma época de terror e de sangue. Cerca de quatro mil revoltosos — «mendigos» — já foram torturados e executados. Nenhuma tendência há para diminuir as execuções, pois o duque diz que não descansará enquanto não conseguir esses dois objetivos: reprimir a heresia e implantar nos Países-Baixos o regime espanhol.

As primeiras importantes vítimas do «Tribunal» foram os condes de Egmont e de Horn, que tiveram a cabeça cortada a 5 de junho do ano passado. Guilherme

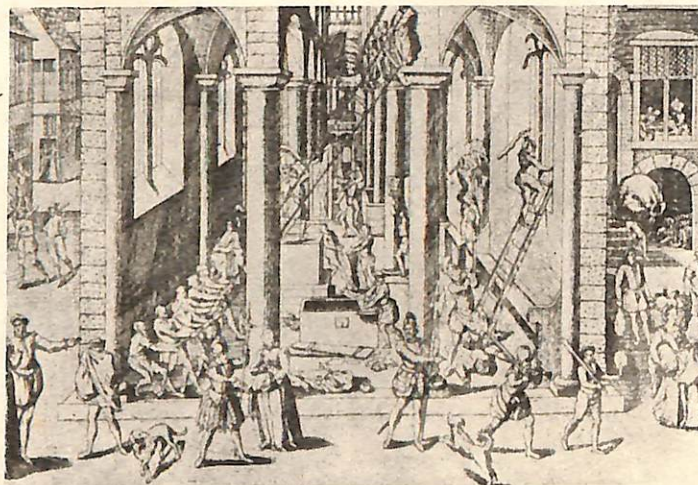


MARGARDA DE PARMA

Sua beleza cedeu lugar à violência do duque de Alba



Don Fernando Alvarez de Toledo Eis o duque de Alba, o mais famoso general espanhol destes tempos. Objetivo: liquidação a ferro e fogo da rebelião (dos «mendigos») nos Países-Baixos.



OS ICONOCLASTAS

Mais de 400 igrejas foram saqueadas e queimadas na insurreição calvinista de 1566.

Antes de destruir os templos, os «iconoclastas», como foram chamados, mutilavam as imagens e profanavam os objetos sagrados. A gravura que publicamos fixa o momento que precedeu à destruição de uma igreja. Pode-se ver perfeitamente as escadas, as cordas, e até dois cachorros.

LIVROS E AUTORES

O livro de Ramus, sobre a necessidade da reforma no ensino, aparecido há algum tempo, está fazendo grande furor. Nêle, o autor faz votos para que apareça um ilustre filósofo alemão, capaz de edificar uma nova astronomia, por meio da lógica e da matemática, desfazendo-se de tôdas as idéias antigas.

Ramus é contra a simplificação da astronomia, conseqüente às idéias de Copérnico.

Pico de Mirândola, já morto, era um adepto incondicional da cabala e dos textos cabalísticos. Agora, em Veneza, os editores publicaram uma coletânea sua, «Cabalisticarum selectiones». Pico tinha uma teoria «sui generis» para explicar os sete dias da criação do mundo por processo cabalístico. Leiam-no.

O pintor e escritor Giorgio Vasari lançou em Florença, onde se encontra a serviço e como intérprete artístico da família ducal no lugar, a segunda edição, revista e aumentada, de sua «Vidas de arquitetos, pintores e escultores italianos». O volume contém, agora, a biografia de vários artistas ainda vivos e até a do próprio autor. É provável que Vasari repita o sucesso de há 18 anos, quando a obra apareceu.

O BRASIL EM JORNAL já manteve estreito contato com Vasari, quando êle em muito auxiliou nossos correspondentes em Roma e Florença por ocasião do levantamento de dados sobre a vida de Miguel Ângelo.

CONQUISTOU BRACELOR AO SOM DE MÚSICA E METRALHA

Goa, dezembro, 1569 (Urgente)

Cômodamente sentado em sua cadeira de brocado, de chapéu alto guarnecido de plumas e com um tocador de harpa à sua frente, entoando velhas canções de Castela, o governador da Índia, sr. Luís de Ataíde, entrou em Bracelor, defendida por milhares de indianos.

Enquanto as balas assoviavam sobre seu chapéu, o cantor Veiga, célebre voz portuguesa na Índia, entoava alegremente:

«Entran los moros en Troya
Trez a trez y quatro a quatro...»

Uma descarga mais violenta calou o cantor e o governador o repreendeu:

«Continue, continue. Não vos estorve nada!»

O Veiga recomeçou seu canto e um dos acompanhantes de

Bracelor é um ponto de grande importância para a dominação da Índia. Agora, está definitivamente ocupada. O governador pensa, no momento, em descarregar todo o poderio português contra as po-

Sonho de Acbar: Império mongol

Índia, dezembro, 1569 (Do correspondente)

Um novo vento sopra no norte da Índia há 13 anos, destruindo as velhas tradições do país e levantando alicerces completamente revolucionários. Trata-se de Acbar, um imperador de apenas 27 anos e sétimo descendente de Tamerlão, mas já no governo quase metade de sua vida.

A preocupação do imperador é restaurar todos os domínios mongóis. Recentemente, Acbar derrotou os «uzbeks» que se rebelaram contra seu poder. Agora, está voltado de corpo e alma à reconquista do Afã. Seu alvo seguinte — anuncia-se — será o Decão.

CRIME ANDA SÔLTO NO RIO

Rio de Janeiro, 20, dezembro, 1569 (Correspondente)

O Rio de Janeiro, apesar de não ter ainda completado o seu quinto aniversário de fundação, é uma cidade turbulenta em que o crime anda solto.

Por enquanto, o grande mistério na cidade é a morte de Francisco da Costa, em circunstâncias ainda não reveladas. O provável assassino, Jorge da Mota, está preso mas recorreu da sentença que o condenou. Houve, depois do misterioso crime da praia, inúmeros delitos, que vão do simples roubo, passando pelo conflito entre famílias até o adultério.

Neste ano, por levantamento que acabamos de fazer, constatamos a prática de 7 delitos aos quais se concederam livramento condicional, depois de arbitrada a fiança.

Entre os delinquentes do ano figuram duas mulheres e um índio. Um dos homens brancos é reincidente (Manuel da Costa). Finalmente, como curiosidade: Nuno Grácia, apesar de ele mesmo ter já uma condenação em julgado, é fiador de outro réu solto...

Outros delitos não foram apurados pelas autoridades. Na nossa estatística incluímos apenas os que foram objeto de levantamento policial.

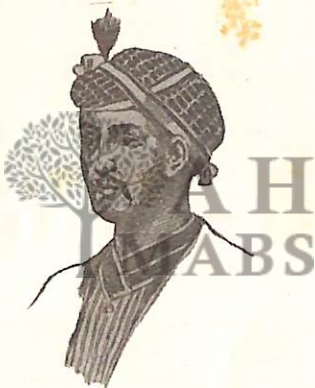
pulações rebeladas das pequenas ilhas.

MORREU NO MAR

Quando voltava a Portugal, o ex-governador da Índia, sr. Antão de Noronha, morreu inesperadamente.

O comandante do navio em que ele viajava, atendendo a recomendações constantes em testamento, jogou seu corpo ao mar, depois de cortar-lhe o antebraço direito, que Noronha pediu levassem para Portugal e fôsse sepultado no túmulo de sua família.

O braço direito do imperador é seu ministro Abu Fazl. Acbar é liberal em religião (mas sonha com a unificação religiosa dos mongóis). Assim, estaria disposto a ouvir emis-



ACBAR
Tamerlão revive?...

sários jesuitas que pretendem convertê-lo ao catolicismo.

Príncipe de cultura incógnita, interessa-se bastante pelas letras e ciências ocidentais, de que mandou traduzir para o persa grandes obras.

Para os portugueses, seus vizinhos mais próximos na Índia, Acbar é o Grão-Mogol, isto é, senhor máximo de toda a Mongólia. E nada mais exato. Seu nome é pronunciado com carinho, por todos, e mesmo os inimigos (raros) o respeitam como a um grande predeterminado.



LANGSIDE

Quarenta e cinco minutos depois, a rainha fugia a galope em seu belo corcel branco

Maria Stuart "hóspede" de Elizabeth I



Edimburgo, 2, maio, 1568 (Do correspondente)

Com ajuda de um jovem — Georges Douglas — a quem seduziu com seus encantos, Maria Stuart fugiu hoje, de canoa, do castelo de Lochleven, onde estava presa desde o ano passado. Na outra margem do lago estava lord Seton, com 50 cavaleiros. Sem hesitar, a ex-rainha saltou sobre um cavalo e cavalgou até o castelo dos Hamilton.

6 MIL HOMENS

Edimburgo, 9, maio, 1568

Maria Stuart já conseguiu reunir um exército de seis mil homens. Não só os Huntly, os Seton, seus companheiros antigos, como o clã dos Hamilton, e, surpreendentemente, grande parte da nobreza escocesa, aderiu a Maria: oito condes, nove bispos e mais de 100 lordes. O prestígio de Maria Stuart cresceu durante este ano em que esteve prisioneira, mas mesmo assim ela não deseja lutar contra seu irmão Murray, o homem que domina agora o país.

STUART CONTRA STUART

Langside, 13, maio, 1568

«Para pôr fim à insubordinação dos lordes», Murray organizou em uma noite um exército numericamente inferior ao da irmã, mas melhor comandado e mais disciplinado. Sem esperar a chegada de outros reforços, deixou Glasgow para a luta de irmão contra irmão, Stuart contra Stuart, rainha contra regente.

A batalha foi travada em Langside e durou apenas 45 minutos. As tropas de Maria se lançaram ao ataque, mas Murray estava bem colocado e rechacou, dispersando os assaltantes com um cerrado contra-ataque. O último pelotão da rainha se retirou em desordem, abandonando canhões e 300 mortos.

Quando Maria viu que tudo estava perdido, montou a cavalo e disparou às carreiras acompanhada de alguns cavaleiros.

3 DIAS A CAVALO

Kirkcudbright, 16, maio, 1568

Dominada por um terror pânico, Maria Stuart cavalgou durante três dias até que hoje atingiu a abadia de Dundrennan. Como uma assassina, está sendo procurada em todas as fronteiras mais recuadas do país.

Escreveu uma carta dramática a Elizabeth, a quem confessa: «só me resta uma esperança: você». E num barco de pesca atravessou o golfo de Solway.

ELIZABETH SURPRESA

Londres, junho, 1568

Elizabeth recebeu com estupefação a notícia da chegada de sua rival à Inglaterra, apesar de no ano passado ter escrito várias cartas dizendo que «em

qualquer tempo pode contar com a rainha da Inglaterra como uma amiga devotada».

Esses oferecimentos eram apenas cortesias. Elizabeth não desejava a presença de Maria na Inglaterra, mas, ao mesmo tempo, não quer expulsá-la do país, pois isso seria contrariar o direito de asilo e a repercussão no estrangeiro, seria a pior possível.

Começa agora um jogo de bastidores para levar Maria a um tribunal, pois assim — alegam os conselheiros de Elizabeth — a ex-rainha desfaria as acusações de assassinio de Darnley e Elizabeth poderia abrigar a sua «inocente amiga».

«TRIBUNAL IMPARCIAL»

Londres, 25, novembro, 1568

Pressionada e enganada pelos amigos de Elizabeth, e pela própria rainha, Maria concordou na instituição de um «tribunal imparcial», que, segundo lhe disseram, era apenas para provar sua inocência e dar uma satisfação ao mundo.

Elizabeth, dizendo-se convencida da inocência de Maria, declarou que só havia um meio para salvar a honra de sua querida irmã: a revelação de todos os documentos sobre os quais se apóiam os «caluniosos». Ela quer que sejam mostrados no tribunal os sonetos e as cartas confidenciais cujos trechos principais revelamos hoje em outro local.

Mas Maria negou-se a reconhecer a autenticidade dos documentos.

PROVAS INSUFICIENTES

Londres, 10, janeiro, 1569

Elizabeth não ousou condenar abertamente Maria Stuart e hoje o tribunal proclamou solenemente que nada havia contra a rebelião dos lordes escoceses, mas que estes não tinham «suficientemente» provado suas acusações contra sua ex-soberana.

A primeira vista, pode parecer que este veredito é a reabilitação de Maria Stuart, mas na verdade a palavra «suficientemente» vai permitir mantê-la «in honourable custody», eufemismo que o governo inglês encontrou para a prisão em que se encontra Maria Stuart.

«HONOURABLE CUSTODY»

Londres, dezembro, 1569

Como previmos, o julgamento de Maria Stuart foi pretexto para mantê-la presa. É uma prisão com muitas regalias, pequenas comodidades e toda sorte de liberdades, exceto uma: a liberdade total.

PADRE FEITICEIRO SERÁ PROCESSADO

Recife, 1, outubro, 1569 (Correspondente)

As voltas com motins de índios no interior, a cidade acordou, hoje, com uma notícia surpreendente: o «padre de ouro», Antônio de Gouveia vai ser processado, apesar de amigo do governador de Pernambuco, sr. Duarte Coelho de Albuquerque, por seu procedimento escandaloso.

O processo foi solicitado pelo provedor e vigário-geral de Pernambuco, d. Silvestre Lourenço. O curioso é que, ao saber do processo, o padre de ouro exibiu uma carta do próprio bispo do Brasil, D. Pedro Leitão, em que este, usando grau de intimidade muito grande, pede que Antônio de Gouveia lhe arranje alguns escravos em Pernambuco.



LUÍS DE ATAÍDE

Música para a conquista

Luís de Ataíde, o sr. Luís de Melo e Silva, voltou-se para os fidalgos que reclamavam de o governador se expor ao fogo inimigo:

«Deixai-o ir, senhores. Se o matarem, aqui estou eu que governarei a Índia. Se me matarem igualmente, aqui estão vossas mercês.»

Luís de Ataíde ouviu uma repreensão de seu companheiro, sem saber do que se tratava. Quando este lhe contou o que houvera, riu-se e celebrou o dito com muita alegria.

Bracelor foi tomada, pois, com toda a tranqüilidade, apesar da tenaz resistência indiana.

MARES LIMPOS

Este correspondente, que assistiu à conquista de Bracelor e se espantou com a impassibilidade mais que espartana de Luís de Ataíde, pode, agora, informar que os mares asiáticos são outra vez de Portugal.

Ataíde, que aqui chegou no ano passado, em substituição a Antão de Noronha, resolveu restabelecer o domínio marítimo como condição indispensável para manutenção das conquistas portuguesas na Ásia. Inicialmente, mandou construir navios em Goa e distribuiu sua armada em pontos estratégicos do Pacífico. Com isso, varreu os piratas asiáticos que tanto ameaçavam o intercâmbio comercial.